# Asociación Española para el Progreso de las Ciencias

# Congreso de Oporto

## Tomo VIII

### Ciencias Históricas y Filológicas

Jiménez y Molina, impresores
General Alvarez de Castro, 40

ASOCIACIÓN ESPAÑOLA

PARA EL

# PROGRESO DE LAS CIENCIAS

832111

# ASOCIACIÓN ESPAÑOLA

PARA EL

# PROGRESO DE LAS CIENCIAS

---

## CONGRESO DE OPORTO

CELEBRADO JUNTAMENTE CON EL PRIMER CONGRESO
DE LA ASOCIACIÓN PORTUGUESA PARA EL PROGRESO
DE LAS CIENCIAS

TOMO VIII

Ciencias Históricas y Filológicas.

MADRID
JIMÉNEZ Y MOLINA, IMPRESORES
Teléfono J-315.

1921

# ÍNDICE

Páginas.

Algunos refranes y modismos populares de carácter geográfico empleados en España con relación a Portugal. Recogidos y anotados por Gabriel María Vergara Martín..... 5

Estudiantes españoles y portugueses en el «Siglo de Oro». De la Universidad de Salamanca. Usos y costumbres, por Mariano de Santiago Cividanes..... 11

La Santa Hermandad de los Reyes Católicos. Estudio histórico, por Celestino López Martínez..... 21

Nuestra Señora de la Caridad, de Cobre (Santiago de Cuba) y de Illescas (Castilla). Con un apéndice de documentos inéditos del Archivo de Indias (Sevilla), por Irene A. Wright..... 35

La intervención de los españoles expatriados en los sucesos de «Los Cien Días», por José Deleito y Piñuela..... 45

El aprovechamiento de la autonomía universitaria, por Eduardo Ibarra y Rodríguez..... 57

El paleolítico de los alrededores de Salamanca, por el P. César Morán.. 61

El negocio de Ceuta entre Jaime II de Aragón y Aburrebia Solaiman, Sultán de Fez (1309), por el Dr. Mariano Gaspar Remiro..... 69

Glorioso triumpho das armas espanho-portuguesas, por el P. Eustaquio Ugarte de Ercilla..... 73

Noticias y documentos del marino sevillano D. Marcelo de Ayenza y Tormoye, por Francisco de las Barras de Aragón..... 87

Matrimonios de Ramiro I de Asturias, por Armando Cotarelo y Valledor..... 105

# GLORIOSO TRIUMPHO

DAS

# ARMAS ESPANHO-PORTUGUESAS

(LECTURA EN CASTELLANO)

POR EL

P. EUSTAQUIO UGARTE DE ERCILLA

REDACTOR DE "RAZÓN Y FE"

PROFESOR DE LA ACADEMIA UNIVERSITARIA CATÓLICA DE MADRID

(Sesión del 27 de junio de 1921.)

Sejam minhas primeiras palavras de saudaçao carinhosa aos nobres lusitanos e fidalgos portuenses, e seja-me permittido unir minha debil e humilde voz a vibrante e autorizada de tantos outros que hoje cantarao as glorias historicas, scientificas e militares do povo ibero.

## I

Os portugueses e espanhoes, como bons irmaos, renhiram muitas vezes; maies Portugal e Espanha, como boas irmas, amaram-se e amam-se sincera, efusiva e cordealmente. Esta nota de uniao e de affecto quero po-la hoje en relevo, exaltando ao mesmo tempo, ainda que nao tanto como o merece, o inclito e esclarecido renome portugues.

E grato recordar antes de tudo, que na Edade Media foi muito intimo o contacto de Portugal e Espanha. A D. Diniz I succedeu don Affonso IV, *o Bravo*, que auxiliou D. Affonso XI (onze) de Castella na batalha do Salado. E como e aprazibel refrescar a frente com as auras e lembranças de feitos gloriosos, o principe lusitano D. Henrique, *o Navegador*, homen de grande talento e inergia, buscou pelo sul de Africa o caminho para as Indias, teve por conselheiro a Jaime de Malhorca, e em 1471 chegou as costas de Equador, etc. En 1486 Bartholomeu Dias descubriu o Cabo, a que elle chamou *das Tormentas*, e

que D. Joao II mudou em *Boa Esperança;* e o grande Vasco da Gama, depois de fazer tributarios a muitos regulos da costa de Africa, chegou en 1498 a Calicut e levantou uma fortaleza em Cochim.

Affonso de Alburquerque «o terribil» de Camões, com a tomada das importantissimas cidades de Goa em 1510 e de Malaca en 1511, foi tal a admiraçao o respeito que incutiu nos principes de sul da Asia, que a porfia lhe enviavam embaixadas, presentes e tributos. Todas estas façanhas e muitas outras foram cantadas pelo grande Camões no seu inmortal poema *Os Lusiadas,* e deram merecida fama aos portugueses. E acabamos de celebrar o IV centenario do descobrimento de Estreito de Magalhaes, das Marianas e das Filipinas, levado a cabo por aquelle intrepido navegante que foi portugues e por sua vez espanhol, e inmortalizou seu nome e nome do Estreito.

E aquelles esclarecidos reis que se chamaram D. Joao II, D. Manuel, *o Venturoso,* e D. Joao III, engrandeceram e elevaram seu reino a uma grande prosperidade, nao somente fomentando brilhantes expediçoes e heroicas conquistas, senao tambem dando muito realce aos estudios, fundando illustres collegios e celebres Universidades, e establecendo novas e florecentes christandades.

E com effeito: Nas mesmas armadas que iam em busca de novas terras, partian muitos missionarios a conquista das almas. Um de entre elles deixou nome inmortal nos fastos do christianismo, e foi o inclito navarro S. Francisco Xavier, que por ordem de christianissimo rei de Portugal e approvaçao de seu Geral, sahiu de Lisboa a pregar o evangelho na India, nas ilhas da Oceania e nos reinos de Japao, até entao fechados quase hermeticamente aos europeus. Depois dirigindo-se a China, foi a morrer na ilha de Sanchao, quando se dispunha a penetrar naquelle grande imperio. Desde entao aquelles afestados e inexplorados reinos foram, graças a Portugal e Espanha, cada vez mais conhecidos na Europa.

E para cingir-me a relaçao de un facto tao breve, como as presentes circunstancias o requerem, e tao harmonioso que sirva para estreitar mais e mais os laços de uniao entre os dois povos que banham as correntes do Douro e do Tejo, do Minho e do Guadiana, fixar-me hei na gloriosa victoria alcançada contra os holandeses pelas armas luso-espanholas na Bahia de todos os Santos, nos meses de março a maio de 1638, sendo Governador do Brasil Pedro da Silva

Esta relaçao que nao e conhecida do publico, e que procuramos abreviar por motivos que facilmente se comprehendem, encontramo-la nos Archivos de Sevilha, onde se guarda integra e extensamente em castelhano, com la syntaxe, ortographia e prosodia daquelle tempo. O memoravil feito de armas esta contado da seguinte maneira.

## II

En sete de março de 1638 chegou aviso ao Governador Pedro de Silva de que o Holandez estaba no rio de S. Francisco aprovisionando-se de carnes, farinhas e outros refrescos. O Governador avisou com toda a pressa o Conde de Vanholo, que estava aquartelado na Torre da Graça de Auila, a quatorze leguas para a parte do Norte de cidade, que o inimigo estava perto, e que era conveniente que viesse com toda a sus gente para tratar da defeza d'aquella praça. Visitou os armasens, passando revista ás armas, ás munições e aos petrechos que nelles havía; e não lhe parecendo bastante, mandou fabricar outros de novo. Visitou tambem os armasens das provisões, e parecendo-lhe poucas, mandou trazer e comprar mais, contribuindo para as despezas com o dinheiro do seu bolso. A sus imitação obispo D. Pedro da Silva e Sampaio contribuiu com dois mil ducados; Lourenço de Brito Correa, con seis centos mil maravedis, muito gado, farinhas, vinho, azeite e outros generos; e o Provedor Constantino Cadena de Villassanti, con dois mil ducados. De tudo se fez provisão necessaria para resistir a um longo assedio, caso se viesse a dar. Examinou as fortificações feitas, mandou fazer outras de novo e distrinbuiu a guarda, obras, e postos pelas pessoas de maior valia que tinha na companhia.

Disposto tudo o que era necessario, por então, o Conde de Vanholo, Capitão Geral de Artilheria e Cavalleria de Pernambuco, e seu Mestre Geral de Campo, chegou con 800 homens a 15 do dito mes a Villa Velha, a meia legua de Bahia.

No dia 14, pela noite, teve aviso o Governador de que appareciam muitas velas en Ataopão, um ilhote na entrada da barra da Bahia, na ponta do Norte, distante da cidade um quarto de legua.

En virtude dos ventos contrarios o inimigo esteve parado dois dias, até que a 16, pela tarde, entrou na Bahia com uma armada de 45 ca-

ravelas e 25 galeões de porte; o resto de armada era constituido por patachos, lanchas, barcaças, trazendo a bordo 6.000 homens de guerra, comandados pelo Conde Mauricio de Nassau.

Quando o inimigo dobrava a ponta de S. Antonio e entrava pela bahia, os nossos tercios iam seguindo aquella mesma volta até a barra de Pirajá, e emquanto se preparavam para atravessa-la, o inimigo saltou em terra, sem haver quem lho impedisse. Como a barra era má, cheia de abrolhos e pedras, assemtou-se entre os nossos que não convinha passar adeante, e que se guarnecesse somente o forte de S. Bartholomeu, como se fez. A 17 pela manhã o Governador e o Conde dirigiram-se con alguma cavalleria e infanteria para o Engenho do Capitão Diego Monistelles, distante duas leguas da cidade, deixando a praça e mais postos com gente necessaria. O inimigo occupou aquella noite o alto do Engenho, logar forte por natureza, e nelle se fortificou.

No dia 18 avisaram o Governador de que o inimigo vinha pelas campinas, a caminho do Arraial Velho.

Em 19 pela manhã sahiu o inimigo de suas fortificações marchando com muito ordem sobre a cidade pelo caminho do Arraial Velho, que era só por onde podia fazer damno, evitando o que podia receber das trincheiras do Açude. Pareceu ao Governador que devia enviar inmediatamente o Mestre de Campo dom Fernando de Ludenha com seu tercio e outra infanteria portuguesa a tomar e occupar o posto de San Antonio. Assim o executou. E considerando quam importante era este posto, quam perto estava da cidade e o damno que d'alli podia facer-se o inimigo chegase a conquista-lo, fortificou-se com toda a diligencia, vigilancia e cuidado, ajudando no trabalho as companhias dos outros tercios.

Vendo o inimigo que o posto de S. Antonio estava occupado, e que nelle se trabalhava com toda a pressa, encaminhou-se para a praia e foi collocar-se na colina do Padre Ribeiro, distante de S. Antonio un tiro de peça; pois como não se poderam occupar ao mesmo tempo os dois postos, acudiu-se ao mais importante, por se julgar que os fortes, que havia naquelle sitio, poderiam resistir e deter o inimigo, até que, chegado maior reforço, o podessem cortar. Mas succedeu tudo ao contrario. Os fortes de Agua de Meninos, Tapagipe e S. Bartholomeu acceitaram, depois de pouca resistencia, as clausulas da capitulação, que o inimigo não cumpriu. Tendo disso noticia o Governador,

mandou prender os capitães que nelles estavam. A um estranjeiro, cujo nome omitto, succedeu, indo a recolher-se para sus casa, encontrar a porta fechada. Bateu a porta e a uma dos janellas assomou sua mulher (que era portuguesa e natural do Brasil), dizendo que não abria porta a um homen que tão indignamente havia entregado o posto que lhe tinham confiado; que se viesse feito pedaços, alegre e gostosa o recebería em seus braços por ter sido em defeza de religião catholica e do su rei. Proseguindo com outras rasões identicas, o marido, corrido e afrontado, se foi retirando para os campos, onde, sendo achado, foi preso.

Procurou o inimigo impedir o damno que recebia do posto de San Antonio; e vendo juntamente as grandes consequencias que se seguiriam para a conquista da cidade, se chegasse a ganha-lo, no día 21 pelas ocho horas da noite avançou direito a elle com a gente mais luzida do seu exercito num total de mil homens; quinhentos na vanguarda e os outres de soccorro. Deu porem com umas companhias que estavam de emboscada, as quaes, sendo en numero muito inferior, pelejaram com tanto valor e denodo, que fizeram bater em retirada a toda a pressa ao inimigo com perda de 200 mortos, 30 prisioneiros e 200 feridos.

Em todas as partes trabalhava a nossa gente naa fortificações, pois era grande a attenção e cuidado do Governador e Conde. As trincheiras da cidade fizeram-se en menos de quinze dias, acudindo á obra os Religiosos, os clerigos, estudantes, mulheres e rapazas. As obras do reducto e trincheiras da outra parte do Dique, a cuja frente estava o Mestre de Campo Luiz Barbalho, e as do fort das Palmas, a que assistía o Mestre de Campo Heitor de la Calce, seguiram sempre com grande actividade, assim como as fortificações que estavam ao cuidado do Capitão-Mor Filipe Camarão. De todos estes postos se fazia grande e continuo damno ao inimigo, e principalmente de um reducto que estava a cargo do Capitão-Mor Camarão e sua gente.

O Conde Mauricio de Nassau, vendo o pouco que tinha ganhado em tanto tempo e o muito que perdia com os espanhoes daquella praça, fez uma falla ao exercito mostrando como em ganhar aquelle posto de S. Antonio consistía a facilidade da conquista da Bahia, e que uma vez ganhada, conseguiriam a permanencia naquelle estado. Encareceu a grandeza do serviço, assegurou os premios, e foram tão effica-

zes as razães, que novecentos dos seus bizarros juraram em suas mãos morrer ou ganhar o posto. Alentado com isso, escolheu de toda a sua gente 1.600, e entre ellos os 900 ajuramentados. Encargou-lhes o assalto das trincheiras de S. Antonio, e ao resto de exercito mandou occupar uma colina perto da Casa Queimada.

Nesse mesmo tempo o Governador Pedro da Silva e o Conde de Vanholo, como tão cuidadosos na defeza daquella praça, procuraram defende-la com a gente que tinham, que não seriam dois mil e quinhentos soldados. Acudiam o todas as partes com tanta promptidão, que em denhuma achavan de menos suas pessoas. Animados com isso os soldados desejavam chegar ás mãos com inimigo, o que se effectuou em breve, porque a 18 de maio ás oito de noite começou a marchar o inimigo com os 1.600 homens para o posto de S. Antonio. Encontraram pelo caminho algumas companhias que estavam de emboscada as quaes pelejaram bravamente e detiveram o inimigo durante algum tempo; mas como era superior em gente, foi cortando a nossa no meio de multidão de balas, que tão destramente e tanto a tempo se lançavam das trincheiras, onde assistia o Mestre de Campo D. Fernando de Ludenha, o Sargento-Mor Pedro Martins com seu tercio e algumas companhias de tercio, que foi de D. Vasco Mascarenhas, que se reppelliu o inimigo para o fosso, cujo arrojo foi tão cego, e tanto o empenho em pensar ganhar as trincheiras, que muitos ficaram mortos nas pontas das lanças. Acudiram em soccorro a toda apressa o Governador, o Conde, Duarte de Alburquerque, Luis Barbalho, Lourenço de Brito Correa, o tenente de artilheria Francisco Peres de Soto, o Mestre Geral de Campo Affonso Ximenes (ainda que enfermo), Martín Ferreira, e outros capitães e soldados de valor.

O valor destes generaes posto á vista de todos naquelle theatro de Belona, de tal sorte alantou os soldados, que desde logo se teve por feliz prognostico da victoria que conseguiram, auxiliando muito a gente que tinha ficado no lado opposto da colina da Casa Queimada, onde o inimigo havia occupado un posto para assegurar as espaldas e ir enviando gente de refresco, e onde estava o Mestre de Campo João Ortiz com seu tercio, e o seu Sargento-Mor D. João da Estrada na vanguarda das emboscadas. Achavam-se tambem allí algumas companhias da tercio de Portugal, de Pernambuco, tudo a cargo de Luiz Barbalho, por ficar allí perto o reducto que estava fazendo, distante das

fortificações um tiro de mosquete. O inimigo começou logo a marchar dando continuadas cargas: os nossos resistiram valerosamente, mais com o esforço de seus animos intrepidos do que com trincheiras e muros, que não havia outras de permeio senão os seus proprios peitos. Estiveram tão longe de franquear ou perder o alento com os perigos e com as mortes, que antes rompendo o exercito contrario poseram-no em debandada, já matando, já rendendo a muitos. Nesta occasião se portou o Capitão D. Gregorio Caldeira Bandeira de Mello com grande valor, fazendo frente so inimigo para que não podesse soccorrer os seus que estavam pelejando nas trincheiras de S. Antonio. Enviou-lhe o inimigo cinco balazios venturosos matando-lhe muita gente, inclusive ao capitão D. Pedro de Roscas, e ficando mal ferido o capitão Antonio Rodrigues.

En meio de tanta peleja, de tanto conflicto, trabalho e afan, tocaram ás armas nos fortes de S. Diego e S. Antonio, onde o inimigo com doze barcaças fez demonstração de accommetter. O Provedor-Mor da Estado do Brasil Pedro Cadena de Villasanti, que estava na Praça de Armas, e Pedro Correa da Gama, enfermo, com outros capitães, e soldados enviaram recado aos generaes que não tivessem nenhum cuidado; porque ellos soccorreriam os ditos fortes, como soccorreram, com as companhias que estaban da parte de S. Bento, as quaes com grande diligencia foram occupar a prais para impedir ao inimigo que desembarcasse gente em terra.

Como a peleja se ia demorando, resolveu o Governador e Conde que o Mestre de Campo Luiz Barbalho sahisse fora das trincheiras a pelejar com o inimigo e a desaloja-lo do fosso. Sahiu inmediatamente para o Dique da Casa Queimada com os sargentos-Mores Antonio de Freitas da Silva, Francisco Duarte e outros capitães. Deram no inimigo de través, de frente os das trincheiras, onde se combateu algum tempo tão esforçadamente de ambas as partes, que apenas se pode discernir para que lado se inclinava a victoria; até que o inimigo cedendo ao valor dos nossos se poz em fuguida, seguindo-se uma cruel matança depois de tres horas que tinham estado no fosso. Neste tempo acudiu com seu tercio o Mestre de Campo Heitor de la Calce, que deu ainda duas cargas no inimigo.

III

Acabado o combate, e retirados os mortos do inimigo e os nossos, acudiu o Governador e o Conde sos fortes de S. Diego com o tercio de Heitor de la Calce: chegaram a tempo que o inimigo se ia retirando sem haver feito outra coisa mais que tocar ás armas.

Toda a noite estiveram os nossos nos quarteis com as armas nas mãos. Logo que amanheceu, chegou um trombeta do Conde de Nassau a pedir suspensão de armas para retirar e enterrar os mortos. Concedeu-se-lha: da nossa parte foi como refem o Capitão Pedro de Areias, e da parte do inimigo ficou outro Capitão. Entregaram-se 327 mortos, que o Governador mandou levar em carros, e outros muitos que não quiseram receber. Só esta noite mataram os nossos 700, entre elles oito capitães, e ficaram feridos mais de 500. Dos nossos morreram sessenta e dois e ficaram feridos cento e nove, entre os quaes Sebastião de Soto, o Viriato da nossa edade, terror de Holandez, lustre do nome lusitano, que morreu dentro de poucos dias sem ter tempo de gozar das grandes mercês com que sua Magestade tinha premiado os seus assignalados serviços. Ficaram tambem feridos os capitães Antonio Rodrigues, Antonio Monteiro Bezerra, D. João de Tovar, João Paes de Mello, o Sargento-Mor Antonio de Freites da Silva e outros capitães, alferes e sargentos reformados. Metteu o inimigo nas trincheiras e cidade 2.449 balas, e nenhuma das que cahirem na cidade matou ou feriu pessoa alguma, dando muitas nas cassas e mosteiros fazendo grandes ruinas.

Acabada a entrega dos mortos, as baterias dos nossos postos continuaram sem cessar contra o posto que occupava o inimigo, e do reducto do Capitão-Mor Camarão faziam tão notavel damno ao inimigo, que para ser resguardar fez covas na terra; mas estas e outras diligencias não bastaram para impedir que muitos morressem.

Tratou o Governador e o Conde de Vanholo de fazer esta acção mais glorioso dando um assalto real ás fortificações inimigas. Na noite seguinte tomou o rebelde dois prisioneiros; e sabendo por elles estas noticias, amedrentado e reconhecendo-se incapaz para a defeza, levantou uma trincheira mui alta, para que de ninhuma parte podessem ser vistos os seus movimentos. Sendo a noite de 26 muito tormentosa dis-

pararam só duas peças, e o Conde de Nassau resolveu-se a não permanecer allí mais un momento. Poz-se a cavallo, e com tanta pressa se foi a embarcar com toda a sua gente, que deixeram no quartel o pão a coser no forno e as panellas a ferver ao lume. E assim desampararam tambem os fortes de Agua de Menimos, de Monserrate e de S. Bartholomeu com toda a artilheria, munições, mantimentos e armas que nelles havia.

Tendo o Governador dormido aquella noite nas fortificações de S. Antonio, e vendo que durante toda ella não se tinha sentido rumor algum no quartel do inimigo, mandou gente a reconhece-lo; parecendo-lhe que se tinha retirado, marchou logo para os ditos fortes e praias, chegando a tempo em que o inimigo embarcava a sua ultima gente, levando consigo quantos moradores pode aprisionar dos que habitavam naquelle districto, nos quaes a sangue frio executou notaveis crueldades. O mesmo tinhe feito nas sahidas e entradas, não perdoando a mulheres, velhos ou creanças e passando-os todos á espada. A nossa gente apoderou-se de todas as fortificações que o inimigo tinha feito e occupado. No forte de Agua de Meninos echamos uma peça de artilheria de bronze e outra de ferro; no de Monserrate cinco peças de ferro ; no de S. Bartholomeu quinze de ferro; no quartel onde se tinha fortificado, seis de bronze, encravadas, com todos os petrechos de guerra que tinham: mantimentos, fabricas de exercitos e instrumentos de campanha.

Todo o dia de 27 permaneceu o inimigo embarcado sem fazer movimento algum; pela tarde enviou um trombeta com um ajudante nosso que tinha feito prisioneiro, e bem assim doze prisioneiros que levava, pedindo em troca os seus. O Governador não lh'os enviou por ter feito o Conde de Nassau guerra desleal, faltando á palavra e á promesas de entregar os soldados de Capitão Bodoya, que tomou no forte de S. Bartholomeu, e por haver atirado com balas venenosas.

Em 28 pela manhã fez-se á vela, sem esperar que chegasse o trombeta, com perda de dois mil homens; mil que os nossos mataram no decurso de sitio, e mil prisioneiros e feridos. Da nossa parte perdemos oitenta, que matou o inimigo, e cento e desesseis que ficaram feridos. Quando ao amanhecer sahia a armada do rebelde, chegava un navio nosso perto do forte de S. Antonio que vinha da cidade de Porto. Enviou o Governador doze lanchas com cinquenta mosqueteiros, os

quaes á vista do inimigo trouxeram e metteram o navio no porto da cidade.

O feliz exito de tão assignalada victoria deve-se ao valor, diligencia e á valentia dos officiaes e soldados. Não especifico outras particularidades, porque pedem maior campo que o de uma breve relação. O certo é que todos adquiriram inmortal renome, sendo superfluo todo o louvor de tão insigne victoria.

## IV

Eis ahi, Senhores, um caso particular dos muitos que se poderiam citar em nome des forças unidas do Portugal e Espanha.

As emprezas realizadas pelas duas nações foram tantas, tão grandes e tão celebres, que apenas haverá outras que as superem; razão pela qual vos peço que me permittaes fazer algumas considerações.

A juizo de graves auctores, nem o triumpho de Constantino ao trasladar das Catacumbas a seu solio a Cruz do Christianismo, nem a empreza dos Cruzados para reconquistar o Santo Sepulcro, dilataram tanto os dominios da civilização christã, como o passeio triumphal de Portugal e Espanha através das brumas de longinquos e desconhecidos mares, desde as costas da Peninsula Iberica até ás praias de novos mundos.

Intrepidos navegantes alentados por almas de gigantes e illuminados pela chama do genio; humildes missionarios abrazados em caridade divina, Reis e Rainhas de inteligencia a coração capazes de governar varios mundos, foram os instrumentos providenciaes desses grandes acontecimentos que, prescindindo da Redeçao do genero humano e da destruição do colossal imperio romano, influirem como nenhum nos destinos humanos.

Á custa de esforços titanicos e de titanicas emprezas, que tocam as raias das lendas de tempos fabulosos, Portugal e Espanha offereceram por espaço de tresentos annos no descobrimento e na conquista da America e da India milhares de vidas, dispendiosas sommas e esforços e inergias, que poderam comprometter seus recursos, mas nunca debilitar o vigor de seus braços. E que as nações não valem só pela sus extensão, pelo seu commercio, pelas suas industrias, pelos seus

exercitos e armadas. As tradições gloriosas, os magnanimos projectos, as jornadas atrevidas, as intrepidas conquistas, os serviços generosos prestados á humanidade, as proezas militares, os descobrimentos de novos mundos, e a firmeza invencivel para proclamar e conservar sempre vivo o culto da religião e da patria e difundir as luzes da civilização e da sciencia, são ideales y realidades que ante a justiça, a historia e a humanidades conquistarão sempre o respeito e a admiração de todas as gentes e de todas as edades. E é este o lote da fortuna e da eterna e gloriosa predestinação reservada por Deus á sua querida Iberia, e que ninguem jamais lhe poderá arrebatar.

Tamanha gloria foi digna recompensa ao povo espanho-lusitano, que durante muitas centurias luctou contra a paganismo e o poder otomano para conservar intacto o seu solo e o deposito de suas crenças e costumes, herdado de seus maiores. Por isso dispoza Providencia que aquelle mesmo povo que tinha sustentado os direitos de civilização christã no velho mundo, fosse marcando e illuminando com seu facho luminoso os zeus descobrimentos e conquistas em um novo continente; que aquelle sangue derramado generosamente pelo povo ibero na lucta gigantesca da Edade Media se multiplicasse com seus proprios germens de vida na descendencia americana, e que no mesmo idioma de Camões e Cervantes, em que se havia invocado a proteção divina para os vencedores da Meia Lua, fossem entoados nos bosques virgens da America e nos mares e ilhas do Japão, India e China louvores e bençãos ao Creador do Universo, Rei dos Reis e Senhor dos que dominam.

E não se romperam, não se poderam romper os vinculos de sangue e raça entre Portugal e Espanha, e de ambos com a America latina. Através das vicissitudes dos acontecimentos humanos, Iberia seguiu sendo a mãe, e America a filha predilecta; nem decahiu a lendaria fidalguia daquella, reconhecendo a independencia das nações já maduras, que forem suas colonias, e relegando para o olvido as antigas querellas com um generoso abraço.

Aquellas feridas já estão cicatrizadas, e rebustecidos os laços de religião, de sangue e de lingua que nos unem, chegou o momento de nos abraçarmos como mãe e filhos queridos, a como bons irmãos que fomos nos tempos heroicos das nossas conquistas.

E desde as cumiadas gigantescas dos Andes ás nevadas cristas dos

Pirineus, desde as ribanceiras do caudaloso Amazonas ás margens do Ebro e do Tajo, desde as verdes Pampas argentinas ás cinzentas esplanadas de Castella e ás risonhas e fecundas margens do Douro, uma poderosa corrente de confraternidade e simpathia, late, palpita, circula, se prolonga e se estende. A grande familia iberica d'aquem e d'alemmar, apparece neste momento formando um gigantesco bloque hoje mais do que nunca compacto e unido pelos laços inquebrantaveis da fé, de lingua, do sangue, da tradiçõo e da raça.

## V

Com pedra branca, con cambiantes de oiro e azul, com rasgos de luz inefavel se deve escrever nas paginas da historia espanho-portuguesa esta data felicissima do Congresso scientifico do Porto, pois os portugueses e espanhoes se unem, se abraçam estreitamente de novo, mais ainda que nos aureos tempos en que lançando-se intrepidos a mares desconhecidos em frageis caravellas, fizeram surgir, como por encanto ao contacto de magicos talismans, de entre as brumas do oceano misterioso, ilhas e continentes, mundos novos e desconhecidos, que foram magnifica prolongação e projecção inesperada e soberana de Peninsula Iberica.

Hoje recordamos aqui o passado ibero-americano com todas as suas glorias e grandezas, e o presente com todas as suas esperanças e alegrias en marcha para um futuro devisado nos doirados louges de uma era de progresso, de sciencia, de paz e perdoravel concordia, depois das brumas, desalentos e tristezas de alguns periodos historicos que passaram e que nunca mais deven voltar.

Este Congresso de affirmação historica e de vigoroso impulso para o progresso da sciencia, representa o mais solemne protesto de que a luz esplendorosa da civilisação que brilha no litoral lusitano e nas cumiadas de Castella, de Leão e de toda a Peninsula Iberica, não se apagara nunca nas suas almas nacionães, senão que crescera sempre inflamada com novos fulgores ate chegar ao zenith, que assignale o dia perfeito de seu progresso e de sua gloria. Este solemne acto portuense marcará una nova era nas relações espanho-portuguesas, uma era de paz, de amor, de commercio mutuo e fecundo de ideas, de realidades

e de affectos, apagadas para sempre as discordias e relegadas a un perpetuo esquecimento as luctas e antigos despeitos. Deram-se irmãos e osculo de paz e de amor na intimidade deste Congresso, cujos laços servirão para nos mantermos perpetuamente unidos como membros de uma grande, poderosa e nobre familia.

Data memoravel sera esta nos fastos da historia e da sciencia espanho-portuguesa, da solidaridade da raça, da communidade de religião e da identidade de aspirações scientificas, que para mutua dita existem entre Portugal e Espanha.

As almas daquelles grandes capitães, e conquistadores, e marinheiros, e missionarios que sahindo de Lisboa e de Sevilha, passaram ao Novo Mundo, se alegrariam hoje seguramente ao ver os seus descendentes espanho-portugueses unidos e reunidos en um so abraço nesta terra nobre e bizarra, rainha de heroes, mãe de martyres e inspiradora de sublimes façanhas e grandezas.

Portugal e Espanha, solo de heroes! Vos, as duas grandes nações pacificamente civilisadoras, que primeiras explorastes as costas meridionaes e orientaes da Africa e da Asia, e levastes a luz da civilisação aos mares do Pacifico! Evocae de novo o genio de vossas heroicas e titanicas emprezas, que soube romper com brandas lonas e enxarcias de fragil barco es espessas brumas do oceano, abarcar os polos do mundo e sacar a flote ilhas e terras submergidas nas profundezas do abismo desde o principio dos tempos; arvorae tambem agora na proa de vossos barcos a imagen civilizadora e esplendente da cruz, da sciencia, da justiça e da paz; passeae-a triumphante por costas longinquas por mares e oceanos, e se é possivel, por novos mundos, para que na inmensidade de espaço resoe um so hymno, hymno perenne de amor fraternal entre Portugal e Espanha, e vossas filhas, as colonias americanas, hymno e hosana de gratidão e de reconhecimento ao Rei inmortal dos seculos.

E tu, nobilissima terra de Iberia, mãe fecunda de santos e sabios, berço de intrepidos conquistadores e de invenciveis capitães, vergel florido de artistas, escriptores e poetas, viveiro de genios para as sciencias e lettras, levanta-te gloriosa e ufana a receber o tributo devido a tuas acçoes portentosas e ingentes sacrificios: tu illuminaste e fizeste florecer varios mundos, e teu sangue, e tua lingua, e tua religião viverão sempre em teus descendentes, e não haverá força capaz de romper

essa triplice cadeia que hoje mantem unidos a teus filhos com os affectos mais intimos e carinhosos, e com suas frentes laureadas e coroadas com os fulgores mais esplendidos e variegados matizes da verdadeira e progressiva sciencia moderna.

E que esta união espanho-portuguesa e esta efusiva confraternidade selladas hoje e confirmadas nesta rica, celebre e nobilissima «cidade da Virgem», jamais se entibiem, se dissolvam, se sequem, se apaguem e paralysem, senão que permaneçan sempre com vivo e rutilante brilho, como brilham, fulguram e resplandecem as limpidas facetas do mais pulido aço na atmosphera serena e diaphana banhada pelo radiante e esplendoroso sol de Meio-dia.

DISSE.